

MÁRIO DE ANDRADE

O movimento modernista
e outras prosas afins

Seleção, organização e notas

Donny Correia

Ensaio

Gênese Andrade



Sumário

*Todos os direitos desta edição são reservados à Editora Madamu
Rua Terenas, 66, conjunto 6, Alto da Mooca, São Paulo, SP
CEP 03128-010 - Fone: (11) 2966 8497
www.madamu.com.br
E-mail: leitor@madamu.com.br*

A568m Andrade, Mário de (1893 - 1945)
O movimento modernista e outras prosas afins. Mário de Andrade.
Seleção, organização e notas de Donny Correia. 1ª. ed. - São Paulo: Editora Madamu
e Casa Mário de Andrade, 2022.

224pp., 16 x 23cm
ISBN 978-65-86224-30-6

1. Literatura Brasileira - História e Crítica. II. Título.

CDD: 869.909
CDU: 869.0(81)-95

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura Brasileira - História e Crítica. II. Título.

- 7 Apresentação, por Marcelo Tápia
- 9 Introdução, por Donny Correia
Mário de Andrade e a cruzada modernista
- 21 Fac-símile
O movimento modernista
- 103 Transcrição
O movimento modernista
- 139 Transcrição
A poesia em 1930
- 165 Transcrição
Noção de responsabilidade
- 175 Transcrição
Mário de Andrade acusa: todos são responsáveis!
- 191 Ensaio, por Gênese Andrade
*Entre o entusiasmo e o desencanto: Mário de Andrade
e o movimento modernista*

APRESENTAÇÃO

No ano em que é celebrado o centenário da Semana de Arte Moderna de 22, pareceu-nos oportuno e pertinente que a Rede de Museus-Casas Literários de São Paulo preparasse um volume integrado por uma edição fac-similar do livro *O movimento modernista*, de Mário de Andrade (publicado pela Casa do Estudante do Brasil, no Rio de Janeiro, em 1942), pela transcrição anotada desse texto com grafia atual e por outros escritos do autor dedicados ao tema do Modernismo, bem como por um ensaio inédito sobre Mário e o movimento do qual participou ativamente.

A tarefa de organização do livro foi confiada ao escritor, professor e crítico Donny Correia, que se dedicou à pesquisa das edições dos escritos de Mário e à elaboração de notas aos textos, bem como de uma Introdução ao conjunto. O referido ensaio ficou a cargo da professora, escritora e pesquisadora Gênese Andrade.

INTRODUÇÃO

Mário de Andrade e a cruzada modernista

Esta edição – realizada em parceria com a editora Madamu – traz a chancela da Casa Mário de Andrade, quando, coincidentemente, o museu passa por obras de ampliação e restauro com a finalidade de agregação, ao imóvel da antiga residência do escritor, das outras duas casas que lhe são contíguas, também adquiridas por sua mãe em 1921. A reintegração do conjunto arquitetônico original permitirá a reabertura da Casa em 2023 em condições de oferecer ao público um novo espaço que poderá desenvolver plenamente o seu potencial de centro de cultura e memória em São Paulo.

Ao vir à luz nesta ocasião, este livro adquire, além de sua importância como fonte de leitura e consulta, um papel de marco simbólico da perspectiva de nova fase consolidadora do museu Casa Mário de Andrade.

Marcelo Tápia¹
Outubro de 2022

1. É poeta, tradutor e ensaísta, doutor em Teoria Literária e Literatura Comparada pela Universidade de São Paulo, onde atua como professor do LETRA – Programa de Pós-Graduação em Letras Estrangeiras e Tradução. Dirige a Rede de Museus-Casas Literários de São Paulo, da Secretaria de Cultura e Economia Criativa do Governo do Estado.

Há cem anos, sem o alarde que muitos imaginam ter causado, aconteceu no Theatro Municipal a Semana de Arte Moderna de 1922, fruto de uma iniciativa conjunta, que uniu o escritor Graça Aranha, o pintor Di Cavalcanti e algumas figuras da elite cafeeira paulista na figura de Paulo Prado, em seu momento embrionário. Logo, outras figuras artísticas igualmente relacionadas àquela elite que precisava colocar a ainda “adolescente” São Paulo do final dos anos 1910 no mapa da maioria nacional foram se aglutinando, entre elas Oswald de Andrade, Anita Malfatti, Tarsila do Amaral, Guilherme de Almeida, Menotti del Picchia e, claro, Mário de Andrade.

Um século depois, a Semana parece ser assunto de mais polêmicas quanto a suas legitimidade e autoridade do que à sua própria época. Enquanto discutimos o legado daquele festival, muitas vezes chamado de Semana Futurista ou Festival Futurista, pelos jornais; enquanto ainda temos desgastados debates em torno da rivalidade entre São Paulo e Rio de Janeiro no quesito “berço modernista”; enquanto autores renomados parecem dar cem passos para trás em suas carreiras buscando defender mais o bairrismo do que a História em si, perdemos grande oportunidade de examinar o decurso dos fatos e os desdobramentos do evento a partir de seus próprios partícipes, como se toda palavra de quem viveu o evento fosse tão viciada e engessada quanto a nostalgia que vai ludibriar pesquisadores incautos.

Não foi Mário de Andrade quem primeiro teve a ideia de um festival modernista em São Paulo e ele mesmo o admite na conferência que é tema principal deste livro. Por outro lado, o poeta, escritor, pesquisador da cultura popular brasileira, pioneiro da gestão cultural pública e, sim, crítico de cinema, também foi a principal figura dedicada a pensar os efeitos daquela semana imediatamente depois dos eventos e ao longo das duas décadas seguintes. Mário se propôs, com recorrência e cuidado, a compreender os desdobramentos da Semana de Arte Moderna alinhando reflexão histórica às poéticas que se seguiram de seus principais agentes, sem prescindir das impressões memorialistas, mas com a devida parcimônia que pressupõe um balanço dessa natureza. Assistiu com atenção ao amadurecimento de sua geração no campo da arte, da literatura e da política, retomou detalhadamente aquilo que poderia surgir como explicações didáticas para os fenômenos que enveloparam o evento e, não sem algum ressentimento, fez um bom balanço de tudo aquilo antes de sua morte precoce, em 1945, aos 51 anos.

Mário de Andrade, um pensador desvairado, obsessivo e obcecado por manter viva a chama tênue do que havia sido uma festa da elite cultural e financeira de São Paulo, parece ter travado uma luta contra moinhos de vento ao longo dos anos seguintes, enquanto seus correligionários se preocupavam com projetos pessoais que iam de encontro ao sentimento de coletividade devidamente alimentado pela publicação da revista *Klaxon*, a partir de maio de 1922, apenas três meses após a realização da Semana. Se nas páginas do brevíssimo mensário (que durou somente até janeiro do ano seguinte) a ideia de grupo e de ação conjunta em prol de uma nova arte vigorava e dava o tom da linha editorial, logo em seguida começaram as fragmentações. Menotti se distanciou; Plínio Salgado, figurante que orbitava o núcleo duro do movimento, foi alimentar um ovo de serpente fascista tropical com seu Integralismo; Oswald de Andrade passou a usar de maledicência e ironias descabidas para provocar Mário, fazendo-o romper com o antigo amigo; Guilherme de Almeida seguiu sendo aquilo que todos à época já notavam: um poeta versátil e plural, que também era tradutor e, logo em seguida, em 1926, se tornaria pioneiro da crítica cinematográfica no país; Graça Aranha faleceria poucos anos depois; e a família Prado seguiu o rumo dos negócios lucrativos que já possuía.

Os exemplos são muitos, mas restou Mário de Andrade, numa quixotesca demanda por manter perene e sempre revista a aura daquilo que inaugurara a modernidade estética, se não no país – haja vista as ramificações da Semana em outros Estados, por outras figuras, com outros grupos –, ao menos naquela velha São Paulo que não passava de paragem para tropeiros e estudantes de Direito havia muito pouco tempo.

De qualquer modo, temos hoje algumas brilhantes incursões para compreender os eventos daquele ano de 1922 com vivacidade, caso de *1922: a Semana que não terminou*, do jornalista Marcos Augusto Gonçalves, lançado em 2012, ocasião do nonagésimo aniversário do evento. Trata-se de uma narrativa ágil e plural, que preenche lacunas factuais até aquele momento não conhecidas pelo grande público, nem mesmo pelo mais dedicado estudante. Talvez seja este o momento, cem anos depois, de devolver a voz àquela figura singular, perdulária, contraditória e revoltosa que foi Mário de Andrade. Tudo isto, num único volume.

* * *

Este livro reúne alguns dos mais importantes escritos de Mário de Andrade a respeito da Semana de Arte Moderna de 1922, publicados esparsamente ao longo dos vinte anos que sucederam aos eventos daquele fevereiro ainda um tanto obscuro para nossa cultura.

O primeiro deles não poderia ser outro senão “O movimento modernista”, conferência proferida pelo poeta, em 30 de abril de 1942, no Salão de Conferências da Biblioteca do Ministério das Relações Exteriores do Brasil, no Rio de Janeiro. Reproduzimos, aqui, as páginas da edição original publicada pela Casa do Estudante do Brasil no mesmo ano de sua realização, seguida da transcrição atualizada, em que mantemos os neologismos e o coloquialismo próprios da prosa de Mário. Na conferência, o autor se propõe a um balanço geral dos eventos, refletindo sobre a questão do protagonismo paulista à frente do Modernismo brasileiro, propondo que o Rio de Janeiro já seria, por consequência própria, um local afeito a influências vanguardistas e miscigenadas, por seu *status* de capital federal

e por sua geografia. Por sua vez, São Paulo, encalacrada morro acima, era muito mais propícia a um movimento de afirmação, que buscasse em seu provincianismo a resposta para a superação do tempo e da estética.

Além disso, da reflexão sociológica, Mário de Andrade passa a uma lembrança de sua conturbada relação familiar, que o fez desejar “jogar uma bomba no mundo”, na fatídica noite em que se pôs a escrever versos febris que culminariam em *Pauliceia desvairada*, seu primeiro livro de poemas modernos, como o próprio o define. A partir daí, segue relacionando fatos que antecederam a Semana e outros que se seguiram a ela, veladamente ressentindo seus desdobramentos e algumas atitudes de amigos e colegas, conforme já mencionamos. Uma narrativa analítica e nostálgica até a metade, e, apesar de esclarecedora, melancólica, da segunda metade até seu final.

Mário já havia publicado uma versão prévia, em quatro partes, do mesmo texto no jornal *O Estado de S. Paulo*, em fevereiro de 1942, porém muito sintética e longe do grau de detalhamento que a versão canônica nos legou (ver página 12).

O texto seguinte, “A poesia em 1930”, data de 1931 e foi publicado em *Aspectos da literatura brasileira*. Nele, Mário demonstra sua plena aptidão à crítica literária, ao refletir a respeito da versificação e do ritmo livres a partir de quatro daqueles poetas que formariam o que hoje conhecemos como Segunda Geração Modernista, a saber, Carlos Drummond de Andrade, Manuel Bandeira (que já havia figurado no grupo da Semana de 22, mas cuja poética modernista se consolidaria anos depois), Augusto Frederico Schmidt e Murilo Mendes. São os autores dos livros *Alguma poesia*, *Libertinagem*, *Pássaro cego* e *Poemas*, respectivamente, todos publicados em primeira edição no ano de 1930.



Fragmento da primeira parte de "O movimento modernista", publicado no jornal *O Estado de S. Paulo*.

No estudo de Mário, conhecemos algumas passagens de poemas hoje canônicos, como "Poema de sete faces", de Drummond, ou "Poética", de Bandeira, que foram alteradas nas edições seguintes, dando-nos precioso material para a crítica genética da obra desses autores. Aliás, os números de páginas dos poemas indicados por Mário referem-se às edições originais, podendo diferir caso o leitor os procure em publicações posteriores.

Nostalgia e gratidão para com velhos companheiros modernistas ressurgem em "Noção de responsabilidade", crônica originalmente publicada no *Diário de notícias*, periódico carioca, em 1930 e compilado no volume *O empalhador de passarinho* (1946), quando da publicação das Obras Completas de Mário de Andrade. Na crônica, o autor começa certo: "Que fim levaram aqueles rapazes literatos de São Paulo, que a Semana de Arte Moderna lançou em 1922?... Me refiro exatamente aos 'novos', que ainda não tinham nenhuma fé de ofício literária, e apareciam então pela primeira vez". A partir daí, Mário de Andrade refaz o percurso imediato à Semana, evocando a revista *Klaxon* e evoluindo para uma exaltação ao companheiro de esforços pela cultura, Sérgio Milliet.

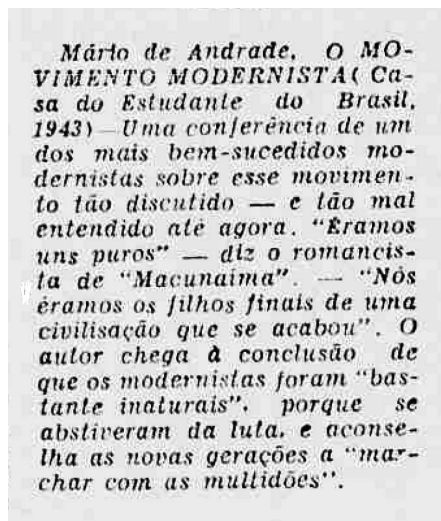
A inclusão dessa crônica neste volume foi sugerida por Marlene Laky, técnica em preservação de livros e documentos da Rede de Museus-Casas Literários do Estado de São Paulo, da qual faz parte a Casa Mário de Andrade.

Em seguida, reproduzimos algo de precioso encontrado ao longo da pesquisa para esta antologia. Trata-se de uma entrevista que Mário deu à revista carioca *Diretrizes*, em 6 de janeiro de 1944. A entrevista com o jornalista Francisco de Assis Barbosa é uma das últimas concedidas

pelo autor de *Macunaíma*, e, nela, conseguimos experimentar o degradado estado de saúde física em que se encontrava Mário e seu desgosto por ver, em pleno andamento da Segunda Guerra, alguns ex-colegas do passado guinando ao extremismo que ventava desde a Europa atormentada pelo nazifascismo.

Finalmente, esta antologia se encerra com o ensaio inédito “Entre o entusiasmo e o desencanto: Mário de Andrade e o movimento modernista”, de autoria da professora universitária, pesquisadora e tradutora Gênese Andrade, contendo um poema inédito que integraria *Pauliceia desvairada* e dá unidade contextual à seleta ora proposta.

Completam esta edição alguns documentos de época recolhidos sobretudo da Biblioteca Nacional, a título ilustrativo e para dar um gosto de re colocação histórica aos nossos esforços.



Revista *Diretrizes*, 1943.

Mário de Andrade, um labutador da cultura, por vezes acusado de extremismo esteta, que idealizava demais e lembrava demais, se esquecendo da inexorável roda do tempo, é aqui revivido em carne e verbo, na verve heroica de quem esteve lá e não deve explicações a conjecturas bairristas de parte a parte. Sua prosa é vivaz, ainda que o autor parecesse plenamente consciente da difícil empreitada pela memória que guardava e defendia. Por isso, também há uma gota de fel que pinga sempre de cada reflexão que registrou em seus escritos, ora reunidos.

*Donny Correia*¹

1. Poeta, ensaísta, professor universitário e pesquisador, é mestre e doutor em Estética e História da Arte pela USP, membro da ABCA – Associação Brasileira dos Críticos de Arte e da Abraccine – Associação Brasileira dos Críticos de Cinema.

ANO XVIII
N.º 425

RECORD DA VENDA
AVULSA NA CAPITAL E NO
INTERIOR DO ESTADO. ::

Redacção e
Administração
R. S. Bento, 28 5.º

A Vida Moderna
:: ARTES ::

S. Paulo, 23 de Fevereiro de 1922

Chronica...

...! futurista!...

IMPRESSÕES... NOITE... 15... MUNICIPAL...

Theatro — semi-replecto... No palco: entre outros: os *Andrades* do Futurismo, bandeirantemente!

Sensação — Menotti
dei Picchia!

E começa o jazz-band: — «Atiraram-nos o epitheto de futuristas que nós não somos, mas acceitamos.» (Risos da grei; risos escarlates!)

«Nós apenas queremos acabar com os deuses da Grecia e as imagens gregas... Queremos cantar o automovel e o aeroplano... Edú é o novo Icaro!...»

— E o galinheiro: — Mas Icaro é grego... Quá, quá, quá, quá. Bravo... Ahi Menotti! (Risos da grei... porém... primeiros risos... amarellos!)

Alguem na platéa: — «O que me admira é Graça Aranha, um mestre que nós... admiravamos, em prestar o seu nome a esta bambochata! Tem graça...»

Menotti: — «A mulher, apeada do seu pedestal, deixa de ser a unica musa... Fôra a mulher!...»

Guilherme: — «Protesto! Eu só sei cantar a mulher! E sou do grupo!»

E o galinheiro: — «Uáu, uáu, uáu... Fiáu, fiáu, fiáu...»

Novos risos... já agora côr de chumbo...

Menotti: — Queremos sepultar a velharia da Grecia e seus deuses; deitar por terra todo o passado!...»

E o sr. Graça Aranha, novo papa futurista, em aparte: — Perdão, mas não faz muito que eu disse isto: — «Façamos a nossa cura de Rousseau, VOLTANDO A' GRECIA, COMPREHENDENDO O TRANQUILLO SEGREDO DO PARTHENON, disciplinando o nosso espirito pela geometria eterna, racionando com Descartes, investigando com Spinoza...»

E ao fundo da platéa — uma voz: — «Bravo! Mestre! Pag. 196 da *Aesthetica da Vida*!...»

Menotti: — «Ides ouvir o maior poeta de S. Paulo, o que equivale a dizer — do MUNDO!...»

Ergue-se o sr. Mario André.

SensaÇÃO: diz duas poesias; Mas foram tantos os *applausos* e os *coricôcs* que o incommensuravel poeta não quiz dizer mais... Estava satisfeito... Para sua Gloria bastava! E embatucou.

— Tira o cravo Menotti!

— Quem é que está gritando?

— E' o galinheiro.

— Essa gente não nos compre-
tende. E uma bichiguinha de Car-

naval desce assoviando: Fuiiiii!... Fueeeee! —

Menotti: — Attention! Vae falar Sergio Millet. E só se ouviu: — «Lá bas!... Mòn ârne!... Je suis. Ouip! Ouip! Hon... han... hen!... La France — l'Allemagne! Voilà... Mais non! Mais non!... Qu'est-ce là... que tu pense?... Silence!»

E o galinheiro: — «Hen, huan, honhon!... Miau! Mais non. Mais non! Mé notti!...»

Na platéa: — «Ora o Menotti! Menotti não é nem passadista: é... mais que velhista... é archaista... isto é do tempo em que se atava cachorro com a dita: pois só canta o que os os outros já estafaram: — D. Juan, (Meu deus! de Byron!) Pierrot, Colombina, Arlequim! (Jesus, que novidade!) E Moysés! Até o coitado do ancestralismo judeu, do tempo da pedra lascada!... E agora se diz modernista — Crede!»

E Menotti: «Ides ouvir outro poeta: Agenor Barbosa...»

Agenor disse o seu numero e tudo ouviu e app'audiu: é que elle não é futurista e os seus versos eram poesia!

Numa friza: — «Quem está plenamente satisfeito da sua producção artistica, achando que não podia fazer melhor... é cretino. Os futu-

A Vida Moderna

EM FLAGRANTE

ristas, achando que o que fazem é a obra mais perfeita possível, que serão?...»

—

Menotti: — «Atenção, senhores...»

E a galeria: — «Ora, acaba com isso! O que nós queremos é ouvir Guiomar Novaes!»

E Menotti: — Ides ouvir o grande poeta Ronald de Carvalho: que vae recitar...»

E a galeria: — «Uáu, uáu, uáu!...»

Ronald — sorrindo: — «Há lá em cima um cachorro acoando...»

E a galeria: — «Perdão! Não é cachorro: é o écho da voz do orador que o precedeu!...»

E trava-se o dialogo atrevido: moderno, futurista... que ao fim se transformou tincção! Applausos de entusiasmo num: — «Desce p'racá... Eu sou inconfundível!»

—

De repente: — palmas incontesteis; palmas de todos, sem dis-



O sr. dr. Antonio A. Assumpção, illustre e dedicado presidente do Jockey Club de Santos.

mar Novaes, artista de verdade, senhora dos rythmos; honra e gloria da terra paulista. Grande, sem cabotinismos!

E ahi, então, se viu o contraste: — Galeria, camarotes, frisas e platéa em delirio, cobriram de palmas e de bençãos Aquella que nos dava a arte verdadeira!

Foi um parenthesis eloquente na vaia aos futuristas... Uh lá lá!... bem pouco futurosos!...

Depois... «as estrellas continuaram menoticamente a tocar os «jazz band» de luz, rythmando a graça das aranhas na harmonia das esferas...» E «era uma vez...» o futurismo!...

JULIO FREIRE

CINCO são os dotes que caracterizam o homem de juizo: Não interromper ninguem; ouvir e reflectir; não fazer perguntas inuteis; responder a propósito e por ordem; dizer *não sei*, quando não souber.

Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

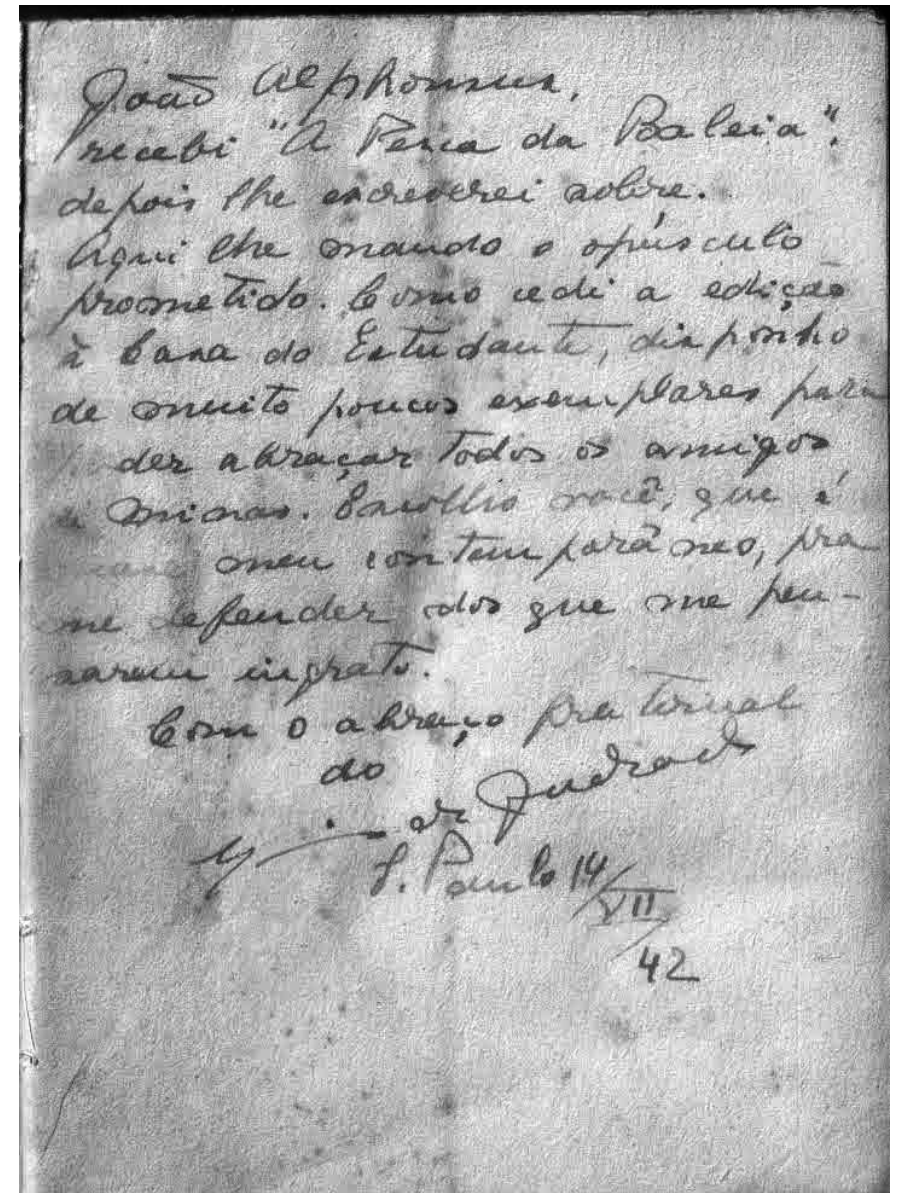
Crônica publicada na revista *A vida moderna* em 23 de fevereiro de 1922, assinada por Júlio Freire, exemplifica o impacto dos acontecimentos da Semana de Arte Moderna à época.

“João Alphonsus,
recebi ‘A Pesca da Baleia’, depois lhe escreverei sobre.
Aqui lhe mando o opúsculo prometido.
Como cedi a edição à Casa do Estudante,
disponho de muito poucos exemplares
para poder abraçar todos os amigos
de Minas. Escolho você, que é
meu contemporâneo, pra
me defender dos que me pen-
sarem ingrato.”

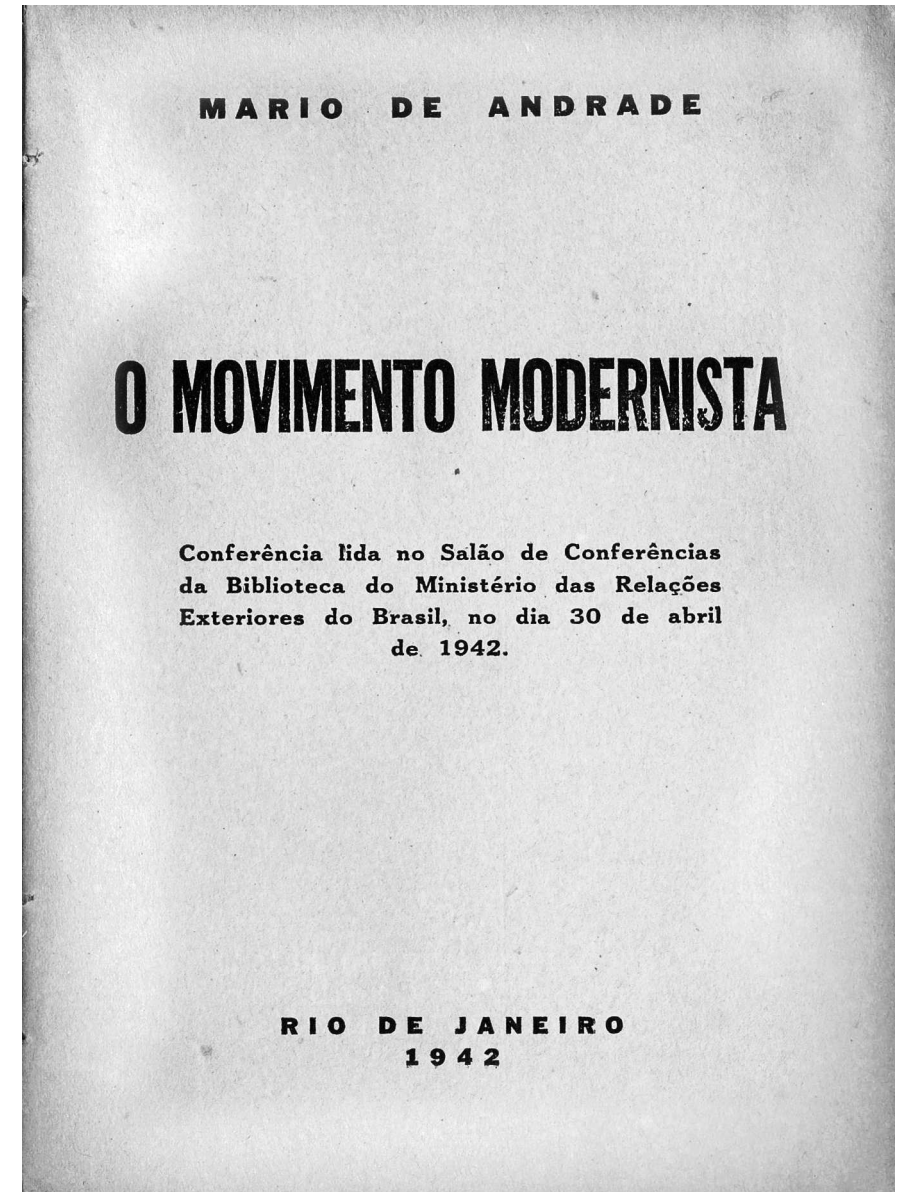
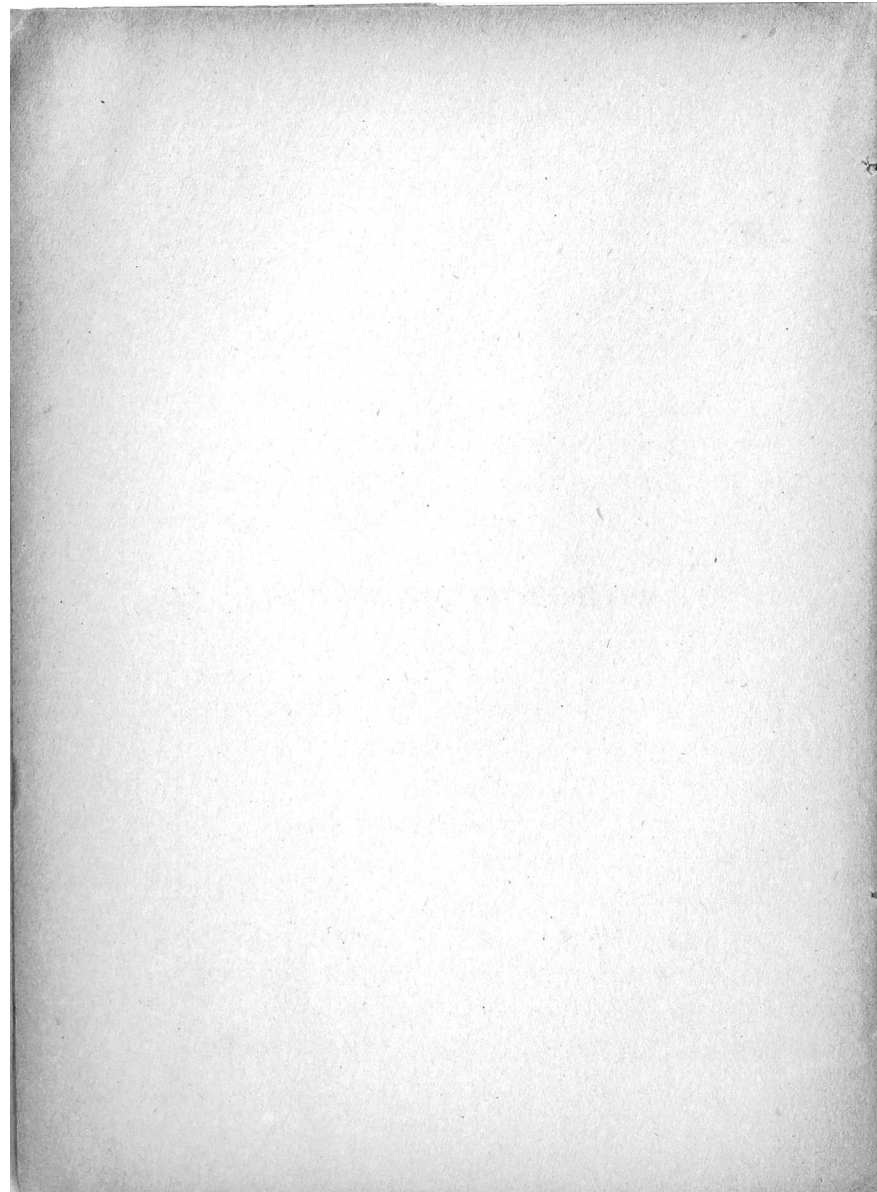
Com o abraço fraternal do
Mário de Andrade
São Paulo, 14/VII/42”

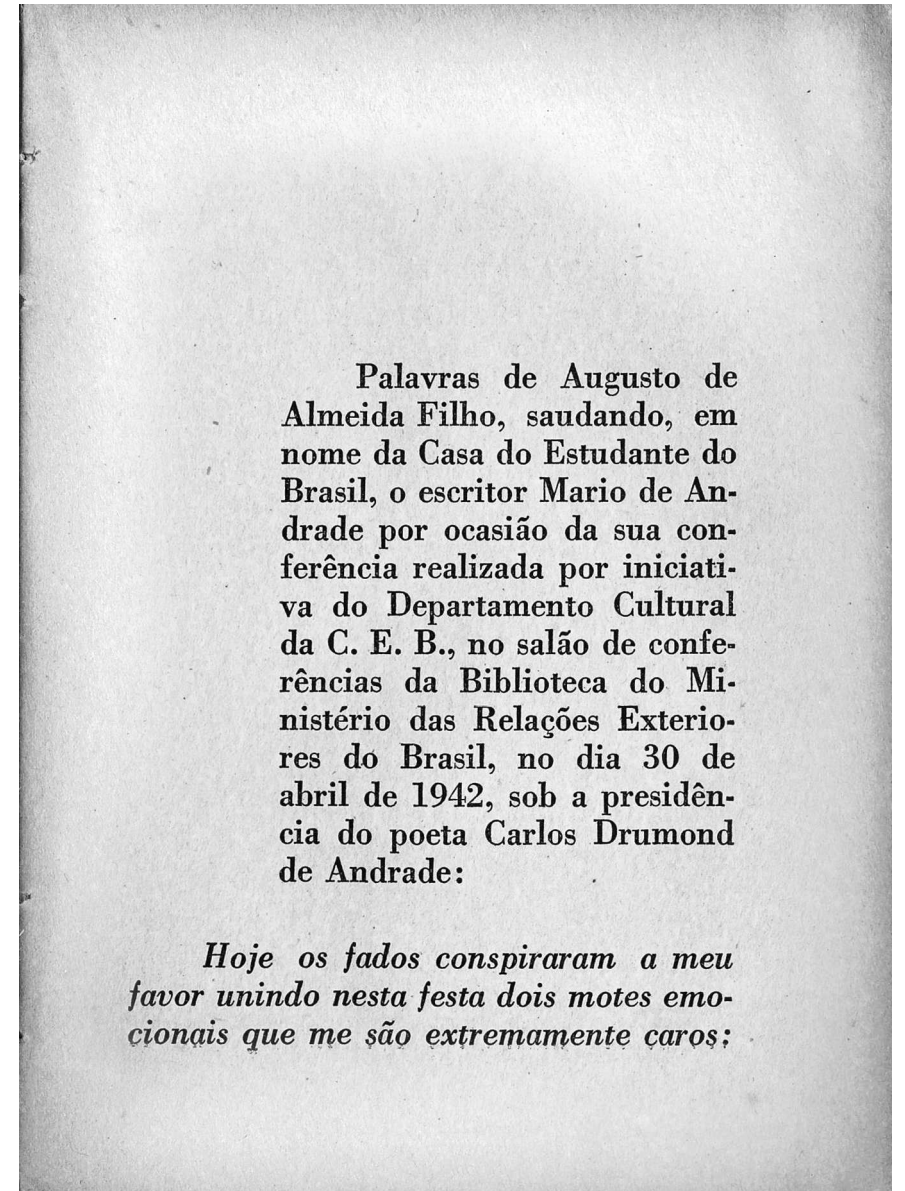
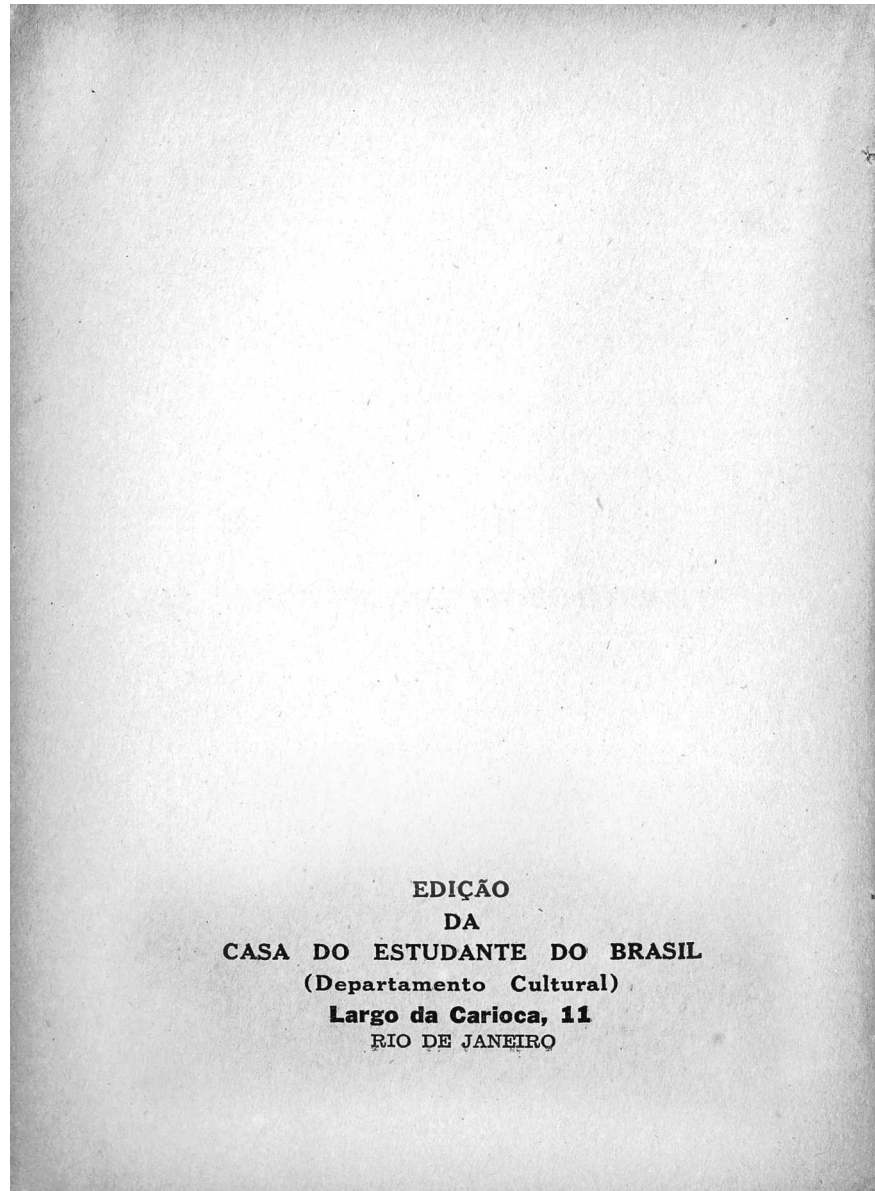
Autógrafo de Mário de Andrade em exemplar do livro *O movimento modernista*
que pertence à coleção de Ricardo Rodrigues, criador do perfil @livrosautografados
no Instagram e que gentilmente cedeu a imagem para esta edição.

As páginas a seguir reproduzem a obra *O movimento modernista* em fac-símile,
a partir de exemplar pertencente ao acervo da Casa Mário de Andrade.



João Alphonsus,
recebi "A Pesca da Baleia",
depois lhe escreverei sobre.
Aqui lhe mando o opúsculo
prometido. Como cedi a edição
à Casa do Estudante, disponho
de muito poucos exemplares para
poder abraçar todos os amigos
de Minas. Escolho você, que é
meu contemporâneo, pra
me defender dos que me pen-
sarem ingrato.
Com o abraço fraternal
do
Mário de Andrade
São Paulo 14/VII/42
42





— 6 —

a Casa do Estudante do Brasil e Mario de Andrade.

E por isto me sinto inteiramente à vontade em vos falar neste momento em nome da Casa do Estudante saudando Mario de Andrade.

E' esta talvez uma das ocasiões mais felizes de minha vida intelectual, porque a Casa do Estudante está ligada a mim pelos laços indestrutíveis do sentimento. Quando ainda adolescente tive a oportunidade de assistir à sua luta inicial e à sua afirmação, e até hoje venho acompanhando com carinho o seu desenvolvimento e as suas vitórias. Todas as vezes que olho para trás procurando reconstruir os primórdios de minha vida estudantil, encontro sempre a Casa do Estudante presa às suaves lembranças de minha juventude. Mario de Andrade é para a minha geração mais do que um poeta, mais do que o erudito, mais do que o crítico, mais do que o conhecedor de

— 7 —

música: ele é, antes de tudo e sobre tudo, um símbolo que se firmou e se desenvolveu na luta contra a rotina.

E' este o seu característico essencial, é esta a sua marca no tempo, e é este o seu lugar dentro da história da inteligência no Brasil. O modernismo foi escrito entre nós pela sua coragem e pelo entusiasmo de seus companheiros. Em pleno ciclo parnasiano, quando o fetiche da forma e o decadentismo do pensamento dominavam e empolgavam todas as inteligências da chamada elite brasileira de então, o grito rebelde dos modernistas teve fulgurações de relâmpago, gloriosas auroras, e ao mesmo tempo foi o prenúncio de tempestades violentas. O desafio estava lançado. Iniciara-se, assim, uma nova luta entre o estabelecido, que não satisfazia mais as ânsias do espírito, e o novo, paradoxalmente gerado em seu próprio bojo. Hoje, passada a fase heróica, de combates e de lutas, ser modernista é

— 8 —

uma posição cômoda e facil. Ontem chegava a ser confundida com sérias e perigosas psicoses e era quase um caso de polícia. . .

Voltaire afirmou com razão, que toda a verdade nova desperta desconfiança, despeito e inimizade. Porem a história do pensamento não se faz de comodismos, nem de recuos, nem de adaptações estéreis. A vida está no movimento, já nos ensinava o velho Aristóteles. A busca, a inquietação fáustica, a insatisfação consigo mesmo e com a sua obra são traços marcantes da personalidade de Mario de Andrade. E quem sabe se o próprio segredo de sua constante vitalidade não está nesta especie de amor intelectual que parece inconstância e dispersão mas que é principalmente grandeza e fecundidade ?

Se existem contradições em suas obras, são contradições de superfície, porque a tessitura de seu espírito e o

— 9 —

âmbito do seu pensamento é um só; a sua unidade é absoluta e harmônica. Desde Paulicéia desvairada até hoje, o ciclo intelectual de Mario de Andrade tem sido fecundo para o pensamento e de afirmações positivas para a dignidade de espírito.

Macunaima, um de seus livros fundamentais, é a projeção lírica do sentimento brasileiro, é a alma do Brasil virgem e desconhecida se revelando, são as lendas do povo, é a poesia e o encantamento da terra e do homem brasileiro.

O modernismo hoje deixou de ser iconoclasta e destruidor, para se afirmar no ritmo construtivo. É a dialética em plena realização. É a antítese gerando uma nova síntese.

Mas deixemos a palavra a Mario de Andrade, que com as suas responsabilidades e a sua autoridade nos contará hoje a história do modernismo, com as suas transformações e com os seus segredos, e

— 10 —

demonstrará a sua importância na vida mental brasileira. Hoje mais do que nunca esta palavra se torna necessária, porque defender a inteligência é um imperativo da dignidade do espírito.

O MOVIMENTO MODERNISTA